



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM  
GRADUAÇÃO EM LETRA: HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA  
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DOCENTE /PARFOR

SARA DA SILVA LOPES

**A COR DA PELE E O CONTO NEGRINHA: UMA ANÁLISE DO  
PRECONCEITO SOCIAL NA LITERATURA PRÉ-MODERNISTA DE  
MONTEIRO LOBATO**

BARCARENA-PA  
2014

SARA DA SILVA LOPES

**ACOR DA PELE E O CONTO NEGRINHA: UMA ANÁLISE DO  
PRECONCEITO SOCIAL NA LITERATURA PRÉ-MODERNISTA DE  
MONTEIRO LOBATO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal do Pará como requisito para  
obtenção do diploma do Curso de Licenciatura Plena em  
Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Júlia Antônia Maués Corrêa

Co-Orientador (a): Ana Cristina Lima da Costa

BARCARENA-PA  
2014

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

L864c Lopes, Sara da Silva.  
A cor da pele e o conto negrinha: : uma análise do preconceito social na literatura pré-modernista de Monteiro Lobato / Sara da Silva Lopes. — 2014.  
46 f. : il.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Júlia Antônia Maués Corrêa  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2014.

1. Preconceito social. 2. Kabegele Munanga. 3. Negrinha.  
4. Monteiro Lobato. I. Título.

CDD 869.9

---

SARA DA SILVA LOPES

**ACOR DA PELE E O CONTO NEGRINHA: UMA ANÁLISE DO  
PRECONCEITO SOCIAL NA LITERATURA PRÉ-MODERNISTA DE  
MONTEIRO LOBATO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará como requisito básico para a obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientador (a): Júlia Antônia Maués Corrêa  
Co-Orientador (a): Ana Cristina Lima da Costa

Área de concentração:

Data de defesa: 28 de abril de 2014.  
Resultados: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Júlia Antônia Maués Corrêa – Orientadora - UFPA

Doutora em Linguística Aplicada - Língua Materna – IEL- UNICAMP, Brasil.

---

Prof..... – (Examinador) – UFPA

Doutor em Educação –

---

Prof..... – (Examinador) – UFPA  
Doutor em Educação

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus que efetivamente me concedeu, por meios múltiplos, todos os recursos básicos a minha formação.

A minha mãe, Maria das Graças do Carmo e Silva, pelo incentivo e amor transmitidos em todos os momentos de minha existência.

Ao meu querido esposo Robson Rodrigues Lopes, aos meus filhos: Thiago da Silva Lopes e Yasmin da Silva Lopes, pelo incentivo e apoio nos momentos que sempre precisei.

Aos meus familiares, a minha sogra Maria Conceição Rodrigues, pelo incentivo e por estarem sempre dispostos em ajudar nos momentos de dificuldade.

Aos amigos Marcilene Santana, Rosineide Lima, Marivaldo Marinho, Estelina Rodrigues, Antônia Silva, Elaine Cristina Silva, Eny Paiva, Loudes Silva e Elizangela Paes.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Júlia Antônia Maués Correa orientadora deste trabalho, por todo apoio prestado e conhecimento compartilhado.

À prof<sup>a</sup> e Coordenadora do PARFOR Barcarena Maria Izabel Menezes, pelo apoio dado nos momentos em que necessitei.

A todos os meus amigos e companheiros desde curso de graduação pelo aprendizado compartilhado.

Ao todos os meus professores, em especial a professora Glória Regina Amaral, Raimunda Duarte, Alessandra Matos e ao Professor José Victor Neto, pelo auxílio com competência sabedoria e paciência, alicerces fundamentais para esta jornada.

E a todos que contribuíram para a mudança social, política e cultural, acreditando na melhoria da qualidade de ensino em nosso país.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus por ser essencial na minha vida, a minha mãe Maria das Graças Silva por me proporcionar o melhor em educação moral e intelectual, ao meu esposo Robson Rodrigues Lopes, meus filhos Thiago da Silva Lopes e Yasmin da Silva Lopes, as minhas irmãs Vera Lúcia Lopes, Ronilda Lopes e Telma Lopes, minha tia Raimunda do Carmo e Silva (*in memoriam*) e as amigas Marcilene Santana, Rosineide Lima por estarem sempre ao meu lado.

*“Todo este sangue de mil raças/  
Corre em minhas veias/  
Sou brasileiro/  
Mas do Brasil sem colarinho/  
Do Brasil negro/  
Do Brasil índio”.*  
Sérgio Milliet

## RESUMO

O referido trabalho de pesquisa tem como tema: **A cor da pele e o conto negrinha:** uma análise do preconceito social na literatura pré-modernista de Monteiro Lobato. O estudo tenta responder aos questionamentos propostos sobre o tratamento social recebido pela personagem Negrinha no contexto narrativo de Monteiro Lobato sobre a interpretação da forma de tratamento diferenciada entre a personagem negra e as sobrinhas da patroa branca na narrativa em questão. Destaca o fato de a personagem ser negra e maltratada e a configuração do preconceito racial da sociedade e as razões pelas quais o negro é tratado como um ser inferior na narrativa. Os objetivos gerais elencados no presente estudo se enfocam na reflexão ampla visando à compreensão dos aspectos do preconceito social na literatura pré-modernista da obra de Monteiro Lobato na personagem Negrinha. Como procedimento metodológico utilizou-se pesquisa bibliográfica, levantamento de dados, a fim de coletar as informações concernentes a este estudo. Por meio dessa pesquisa, buscou-se suporte teórico em autores como em Kabegele Munanga (2012) que explora a temática: preconceito social que é retratado na obra **Negrinha** de Monteiro Lobato. A partir da análise da obra, apresentar uma proposta de aplicação pedagógica do estudo por meio de uma sequência didática, tendo como público alvo alunos do 9º ano/09, que servirá de suporte metodológico para os docentes da disciplina Língua Portuguesa. Os resultados alcançados se constituem em comprovar a existência do preconceito face à personagem Negrinha.

**Palavras-chave:** Preconceito Social. Kabegele Munanga. Negrinha. Monteiro Lobato.

## **ABSTRACT**

Such research has the theme : Skin color and scaup tale : an analysis of social prejudice in pre - modernist literature Monteiro Lobato . The study tries to answer those proposed on the social treatment received by Negrinha character in the narrative context of Monteiro Lobato on the interpretation of the form of differentiated treatment of the black character and nieces in the narrative of the white mistress concerned questions . Highlights the fact that the character is black and battered and racial prejudice in society setting and the reasons why the black is treated as an inferior being in the narrative . The general objectives listed in this study focus on the broad reflection in order to understand aspects of social prejudice in pre - modernist literature the work of Monteiro Lobato in character Scoter . As a methodological procedure was used literature search , data collection , in order to collect information concerning this study . Through this research, we sought theoretical support in authors as Kabegele Munanga (2012 ) which explores the theme : social prejudice that is portrayed in the work of Monteiro Lobato Scaup . From the analysis of the work , submit a proposal of pedagogical application of study through an instructional sequence , having as target the 9th ano/09 students to serve as a methodological support for teachers of the discipline Portuguese. The results obtained constitute evidence of the existence of prejudice against the character Scoter .

Keywords : Social Prejudice. Kabegele Munanga. Scaup. Monteiro Lobato.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>8</b>
<b>1.1 – INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1.2 – Delimitação Do Tema.....</b>	<b>11</b>
<b>1.3 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA.....</b>	<b>12</b>
<b>1.3 Justificativa.....</b>	<b>12</b>
<b>1.5 – Objetivos.....</b>	<b>13</b>
1.5.1 Geral.....	13
1.5.2 Específicos.....	13
<b>1.6 – Metodologia Da Pesquisa.....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO II – REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>15</b>
2.1 Contexto Histórico.....	15
2.2 Monteiro Lobato e A NEGRINHA.....	18
<b>CAPÍTULO III – O CONTO <i>NEGRINHA</i>.....</b>	<b>22</b>
<b>3.1. Resumo do conto <i>Negrinha</i>.....</b>	<b>22</b>
<b>3.2. Análise do preconceito racial na personagem.....</b>	<b>25</b>
3.2.1 Análise do comportamento de quem humilhava a personagem Negrinha.....	25
3.2.2 As Reações De Negrinha Às Humilhações Sofridas.....	27
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>32</b>
<b>APÊNDICE: SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....</b>	<b>34</b>
<b>ANEXOS: Citações de Monteiro Lobato.....</b>	<b>37</b>

## CAPÍTULO I

### 1.1 – INTRODUÇÃO

Período literário brasileiro que compreende o Pré-Modernismo - 1902-1922, que pontua a passagem entre os movimentos do Parnasianismo, Simbolismo e o Modernismo, têm início precisamente em 1902, com o lançamento dos livros **Canaã** e **Os Sertões** e término com a Semana da Arte Moderna em 1922.

O contexto histórico do Brasil, marcado pela turbulência social e cultural que datam o início desse movimento produziu temas sócio-políticos que marcaram genericamente o Pré-Modernismo, com uma série de fatos tais como: segregação dos negros pós-abolição, surgimento do proletariado e greves operárias em São Paulo, Guerra do Contestado (fronteira entre Paraná e Santa Catarina), fanatismo religioso do cangaço no Nordeste, tendo como ícones Padre Cícero e Antônio Conselheiro, além das revoltas da vacina obrigatória e da chibata no Rio de Janeiro dentre outros. Neste contexto, o Pré-Modernismo capta em suas obras as dificuldades do homem contemporâneo e a realidade brasileira caracterizando seus problemas e conflitos (BOSI, 1994).

Mattos (s/d) revela que os quatro principais prosadores do Pré-Modernismo brasileiro apresentam em suas obras determinadas regiões brasileiras, retratando-as de forma fiel temas específicos e tipificando as características humanas de acordo com cada localidade, por exemplo, **Euclides da Cunha** retratou a região Nordeste, falando sobre a miséria do nordestino e a submissão religiosa. **Graça Aranha caracterizou a situação** da região do Espírito Santo, principalmente a vinda dos imigrantes europeus (alemães) para o Brasil. **Lima Barreto** descreveu a respeito da periferia do estado do Rio de Janeiro, aludindo uma crítica ao preconceito social, principalmente o racial e, por fim, **Monteiro Lobato que descreveu a região de São Paulo, mais precisamente o Vale do Paraíba, o cunho de sua crítica política se pautava na agricultura/caboclo, mão de obra rural, e o descaso dos governantes em relação ao povo.**

Para Bosi (1983), no plano cultural, outras manifestações artísticas surgiram, dentre elas na música com Xisto Bahia, por meio do lançamento da primeira gravação feita no país. Ritmos populares obtiveram inserção nas camadas mais elevadas da sociedade brasileira, sons como o maxixe, a toada, a modinha e a serenata obtiveram grandes repercussões entre a burguesia.

Na época, a capital do país, o Rio de Janeiro, vivia um fomento artístico em diversas áreas. Assim, na música destacam-se Chiquinha Gonzaga (choro e samba), Alberto Nepomuceno (música erudita); na pintura, sob a ótica do academicismo da Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro, Anita Malfatti expõe o confronto que redundaria na Semana de Arte Moderna de 1922. Segundo Bosi (1973),

(...), embora vários autores sejam classificados como *pré-modernistas* este não se constituiu num estilo ou escola literária, dado a forte individualidade de suas obras, mas essencialmente eram marcados por duas características comuns: 1) o **conservadorismo** - traziam na sua estética os valores naturalistas; 2) **renovação** - demonstravam íntima relação com a realidade brasileira e as tensões vividas pela sociedade do período. (Bosi, 1973 p.114).

Bosi (1973) referenda que esses autores muito embora tenham rompido com o lacre dos temas das escolas anteriores, não obtiveram avanço suficiente para ostentarem o rótulo de escritores modernos pela grande resistência às novas estéticas. Nesse período da literatura nacional, no entanto, surge o autor Monteiro Lobato, criador do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, e que se tornou um dos maiores escritores infantis brasileiros do século XX.

Entre as suas obras há a abordagem de temas relacionados ao interior do Brasil, como lendas e mitos que fazem de Monteiro Lobato o merecedor do título de “pai da literatura” infanto-juvenil brasileira. Isso, pois esse literato é conhecido e famoso por escrever livros que abordam temáticas que retratam o interior do Brasil, mais precisamente as moradias (sítios, chácaras) manifestando os dois traços predominantes do Pré-Modernismo, o conservadorismo e a denúncia de problemas socioculturais do país.

Para Bosi (1973) e Vasconcellos (2006), escritores como Euclides da Cunha, Lima Barreto e Monteiro Lobato descortinavam para os leitores um Brasil esquecido, o interior do país onde a realidade era pungente de simplicidade e miséria, no qual a cultura do caboclo brasileiro possuía vez e sua forma de viver era posta para a sociedade. Monteiro Lobato, um revolucionário progressista, fundador de inúmeras editoras, construiu para as crianças um mundo onde os castelos de contos de fadas estavam presentes, mas vivenciados com características cotidianas e do interior do Brasil, valorizando o caboclo brasileiro, desta forma, escreveu mais de quatro mil e seiscentas páginas só de obras infantis.

Carvalho (2006) acrescenta que a obra literária infantil é a mesma obra de arte para o adulto no período Pré-Modernista, o que difere a abordagem da obra, a complexidade de concepção. Sendo que a obra para as crianças possui uma estética literária mais simples em seus recursos, mas não menos valiosa, sendo na maioria das vezes consideradas obras-primas.

Essa simplicidade de linguagem, na qual se baseia a literatura infantil deve constar de uma fonte repleta de sensações, emoções e imaginações, linguagem que toque a criança fazendo-a viajar para o mundo do imaginário e do místico, cumprindo o verdadeiro papel da literatura infanto-juvenil: viver e sonhar.

Desse modo,

(...) os estudos desencadearam, posteriormente, inúmeros outros que consolidaram a literatura infanto-juvenil e a leitura como objetos de pesquisa instigantes e cada vez mais promissores à medida que a produção e circulação do livro endereçado à criança e ao jovem permanecem como desafios para a universidade, tendo em vista a recorrente renovação tanto no nível textual como nas formas de apresentação (CARVALHO, 2006, p. 4).

Na narrativa **Negrinha**, Monteiro Lobato apresenta também o universo infantil enfocando o cenário de uma fazenda e, de forma etérea revela uma linha sobre o preconceito social e racial brasileiro. Na obra, a fazenda pertence a uma velha senhora, Inácia, que cria uma menina órfã. Negrinha mulata escura de cabelos ruços e olhos assustados sequer tem nome, é somente a filha da escrava, e é pela cor de sua pele que a nomeiam.

Foi por meio desse conto **Negrinha** de Monteiro Lobato, que este estudo tomou proporções, e assim, buscou-se obter mais conhecimentos sobre a temática preconceito social e racial no Brasil, de forma que pudesse ser realizada uma análise dos aspectos do preconceito social na literatura pré-modernista e na obra de Monteiro Lobato tendo como enfoque a personagem Negrinha.

## 1.2 – DELIMITAÇÃO DO TEMA

No contexto da narrativa Negrinha, percebem-se diferentes formas de tratamento, sendo uma específica para a filha de escravos e a outra mais respeitosa para filha da dona da fazenda. Nessa obra fica clara a representação do negro como ser inferiorizado e desprovido de capacidade intelectual ou até mesmo sentimental, tal fato mostra a verdadeira personificação do povo brasileiro em seu amplo e diverso aspecto, configura uma dimensão estética pungente sobre o preconceito racial que se principia pela cor de pele e pela pobreza da ingenuidade de imaginação.

De acordo com Lajolo (2004) vários autores analisam a representação estética do negro nas obras de Monteiro Lobato, essa multiplicidade de olhares sobre o delicado laço que prendem a literatura e a sociedade, a história e a literatura, a literatura e a política recaem na maioria das vezes sobre o preconceito racial e sócio cultural. Nem sempre a literatura, por meio dos binômios consegue dar conta de explicações que venham servir para quebra de tantos tabus, pois esses se encontram arraigados de forma tão profunda na cultura popular brasileira que a sabedoria popular, representante do povo, fica por vezes esquecida no porão da sociedade burguesa.

Na obra de Monteiro Lobato, não se pode perceber soluções diferentes do encaminhamento que a questão encontra na produção de boa parte da intelectualidade brasileira, onde o negro jamais teria seus direitos na sociedade como cidadão.

Diante do quadro apresentado, colocamos os seguintes questionamentos:

- Que tratamento social recebe a personagem Negrinha dentro do contexto narrativo de Monteiro Lobato?
- Como se pode interpretar a forma de tratamento diferenciada entre a personagem negra e as sobrinhas da patroa branca na narrativa em questão?
- O fato de a personagem ser negra e maltratada configura o preconceito racial da sociedade?
- Por que o negro é tratado como um ser inferior na narrativa?

Levando em consideração esses questionamentos, uma análise da obra se fazia necessária para se observar a sociedade da época e as diferentes formas de tratamento para cada personagem da narrativa NEGRINHA e, principalmente, compreender se a cor da pele era um fator que estimulava o preconceito social/racial na literatura Pré-Modernista.

### 1.3 – DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Com o intuito de responder aos questionamentos aqui elencados e considerando as formas de tratamento observadas na obra, (que são diferenciadas), assim como à forma de comportamento da sociedade da época, extremamente preconceituosa ao que fugisse do seu círculo social e burguês, além à postura social que cada personagem assume na narrativa, principalmente a Negrinha, percebe-se a existência desse divisor de águas de forma classista, afinal, ela era apenas a filha da escrava.

Com base nisso, tentamos descrever e analisar as diferentes formas de tratamento relacionadas à personagem Negrinha, e verificar se esses se configuram como manifestações de uma cultura baseada no preconceito racial da sociedade da época. Haja vista que, da modernização do Brasil poderia se esperar outra postura social, mas infelizmente o preconceito racial contra aqueles que tinham a pele negra ou parda, antigos escravos e seus descendentes, permanecia o mesmo, acentuando cada vez mais o divisor de águas entre a cultura burguesa e popular, o branco e o negro, o senhor e o escravo.

Porém, observa-se nas obras de Lobato, de forma lúdica e literária, uma denúncia velada sobre a desigualdade social, o conto **Negrinha** pode ser considerado um desses momentos, pois ele é preenchido por personagens que representam as características da maior parte da população brasileira, entre as décadas iniciais do século XX, Monteiro Lobato. Dessa forma, expõe a mentalidade escravocrata que ainda persistia tempos depois da abolição.

### 1.4 – JUSTIFICATIVA

Na atual conjuntura do século XXI, no qual videogames e os programas de televisão tomam conta da maior parte do tempo das crianças, a estética de conhecer as obras de Monteiro Lobato se faz pertinente, pois se acredita que o imaginário e os símbolos se unem para levar a criança a um mundo completamente diferente ao que está habituado. Dessa forma, o ambiente e os personagens desbravados nas páginas escritas por Lobato, na obra Negrinha, pode ser mais que dever escolar, pode ser um prazer imaginável, além de uma contribuição essencial para sentimento e conhecimento educacional do leitor.

Dentro desse contexto, Lobato deve ser enaltecido como um dos grandes representantes da nossa Literatura. Não ler suas obras significa abrir mão de livros que simbolizam a identidade cultural brasileira. Com temáticas importantes, tal como o

preconceito racial, o conto **Negrinha** foi à maneira que encontramos para apresentar aos alunos além do mundo da fantasia e do lúdico, uma das maiores formas de discriminação social, o preconceito da cor, o preconceito pela cor que reveste a pele do homem, e por meio desse fato despertar novos leitores e amantes da literatura enquanto detentores de uma leitura crítica.

## **1.5 – OBJETIVOS**

### **1.5.1 Geral**

- Refletir de maneira ampla buscando compreender os aspectos do preconceito social na literatura pré-modernista da obra de Monteiro Lobato na personagem Negrinha.

### **1.5.2 Específicos**

- Caracterizar a personagem Negrinha em Monteiro Lobato no que diz respeito à sua condição social;
- Analisar o comportamento da personagem principal que faz parte do enredo da história Negrinha;
- Analisar fatos de discriminações sobre o preconceito que aconteceram no passado comparando com a história com os dias de atuais.

## **1.6 – METODOLOGIA DA PESQUISA**

Partindo do pressuposto teórico sobre o escritor Monteiro Lobato, a partir da personagem Negrinha, retratando o preconceito social da época, assim foi realizada uma análise da realidade atual. Esse levantamento e reflexões foram realizados por meio de pesquisas na internet em sites que continham artigos indexados e em livro de literatura infanto-juvenil que continham temáticas sobre o racismo e o preconceito sociocultural.

Diante disso, buscou-se perceber a importância da leitura, por meio das análises das situações inerentes ao preconceito racial decorrentes da realidade do cotidiano vivenciado no século XXI. Diante disso, a pesquisa baseou-se na análise da narrativa referente à personagem Negrinha, refletindo sobre os problemas do cotidiano, envolvendo não apenas a etnia como também o desprestígio das classes sociais de baixa ou de nenhuma renda. Sem se preocupar com as conseqüências, Lobato defendia as suas verdades em suas obras, buscando sempre situar o leitor e fazê-lo refletir sobre a realidade sociocultural vivida no Brasil em suas mais recôncavas regiões interioranas.

## CAPÍTULO II – REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Contexto Histórico

O Pré-Modernismo também conhecido como estética realista foi o período literário brasileiro ocorrido entre a transição do Simbolismo para o Modernismo. Esse período é assim denominado por anteceder à Semana de Arte Moderna de 1922. Esse movimento literário tem como marco a publicação em 1902 dos livros *Os Sertões* de Euclides da Cunha e *Canaã* de Graça Aranha.

O momento histórico vivenciado pelo Brasil no século XIX interferiu na produção literária nacional. Essa mudança foi marcada pela transição de valores éticos e por conflitos religiosos como o fanatismo pelo Padre Cícero e por Antônio Conselheiro, no Nordeste; as revoltas da Vacina e da Chibata, no Rio de Janeiro; as greves dos operários em São Paulo e a Guerra do Contestado, no Sudeste. No cenário político, a aliança entre cafeicultores de São Paulo e os produtores de leite de Minas Gerais comandavam as questões política brasileira. Esse momento ficou conhecido como a política do café-com-leite. Já no âmbito econômico, a decadência da atividade açucareira na região Nordeste ocasionou um grande fluxo migratório para o Centro-Sul do Brasil. Também houve mudanças nas questões sociais: revoltas provenientes do crescimento urbano, da classe operária e da marginalização dos escravos recém-libertados pela Lei da Abolição. Todas essas mudanças serviram de inspiração para os autores pré-modernistas, que materializaram através da arte, as percepções ocorridas nesse meio social.

Esse período foi marcado pela ruptura dos moldes passadistas vivenciados pela literatura brasileira. Os artistas na ocasião implantaram uma literatura de cunho nacionalista, retratando a realidade do Brasil e considerando seus aspectos mais críticos. Ou seja, levaram em consideração as mudanças políticas, sociais e econômicas da época e isso foi demonstrado em grandes representações artísticas.

Essa quebra ocorreu para contestar as ideias e gostos advindos da Europa, pois as tendências aqui presentes eram importadas da moda parisiense. Dentre os autores que denunciaram a realidade brasileira, destacam-se Graça Aranha, Euclides da Cunha, Lima Barreto e Monteiro Lobato, sendo que esse último preocupou-se em buscar uma sociedade mais justa, denunciando as mazelas campestres evidenciadas em sua obra “Urupês”.

Para demonstrar sua indignação com as vanguardas importadas, Monteiro Lobato em 1917, criticou a exposição de Anita Malfatti.

Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que vêem normalmente as coisas e em consequência fazem arte pura. (...) A outra espécie é formada dos que vêem anormalmente a natureza e a interpretam à luz das teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. São produtos do cansaço e do sadismo de todos os períodos da decadência do simbolismo.(...). (Lobato, 1917,p. 26).

Apesar dos autores citados serem classificados como pré-modernistas, este movimento não é considerado como estilo ou escola literária, devido a forte individualidade que marcam suas obras, mas apresentam basicamente duas características comuns: o conservadorismo – valorizando a estética naturalista e a renovação – evidência de uma familiar relação com a realidade brasileira e os conflitos vivenciados pela sociedade do período.

A questão do preconceito vem sendo discutida ao longo do tempo e estão presentes em vários segmentos da sociedade, como os orientais, as mulheres, os judeus, os pobres, os árabes, os negros etc. Neste trabalho, o enfoque será o preconceito social e estará representado pela personagem Negrinha do autor Monteiro Lobato.

O Brasil, desde seu descobrimento, possui uma sociedade altamente preconceituosa e desde a colonização vê o negro como objeto de desigualdade, não somente pela cor da pele, mas também pela questão econômica que teve um grande impacto com a abolição da escravatura. Com o fim da escravidão e o início do desenvolvimento econômico assalariado, outros grupos étnicos passaram a fazer parte da nação brasileira: os imigrantes que, assim como os negros sofreram discriminação e também discriminaram. Com o passar do tempo, as questões étnicas foram sendo reduzidas, pois alguns grupos rivais como os judeus e os árabes passaram a viver pacificamente no território brasileiro que transformou-se em um caldeirão de miscigenação culminando na formação do povo brasileiro possuidor de traços indígenas, europeus, africanos orientais etc.

Para Munanga (1999), o preconceito negro resulta de um grande processo histórico, decorrente do descobrimento pelos navegadores portugueses do continente africano no século XV. Esse descobrimento acarretou o tráfico negreiro e a escravidão do povo africano pelos colonizadores estrangeiros. Para ele (idem):

(...) Esses povos foram sequestrados, capturados, arrancados de suas raízes e trazidos amarrados aos países do continente americano, o Brasil incluído, sem saber por onde estavam sendo levados e por que motivo estavam sendo levados. Uma história totalmente diferente da história dos emigrados europeus, árabes, judeus e orientais que, voluntariamente decidiram de sair de seus respectivos países, de acordo com a conjuntura econômica e histórica interna e internacional que

influenciaram suas decisões para emigrar. Evidentemente, eles também sofreram rupturas que teriam provocado alguns traumas, o que explicaria os processos de construção das identidades particulares como a “italianidade brasileira”, a identidade gaúcha etc. Mas em nenhum momento a cor de sua pele clara foi objeto de representações negativas e de construção de uma identidade negativa que, embora inicialmente atribuída, acabou sendo introjetada, interiorizada e naturalizada pelas próprias vítimas da discriminação racial (MUNANGA 1999, p. 1-2).

O teórico afirma que a construção da identidade do ponto de vista antropológico é construída a partir das indagações: Como? A partir de que? E por quê? Pois essa elaboração empresta seus elementos “da história, da geografia, da biologia, das estruturas de produção e reprodução, da memória coletiva e dos fantasmas pessoais, dos aparelhos do poder, das revelações religiosas e das categorias culturais” (MUNANGA (Idem, p. 3).

Segundo o mesmo autor, a construção social da identidade é produzida sempre em uma conjuntura assinalada pelas relações de força, e isso pode ser distinguida de três procedências diferentes:

- A identidade legitimadora, que é elaborada pelas instituições dominantes da sociedade, a fim de estender e racionalizar sua dominação sobre os atores sociais;
- A identidade de resistência, que é produzida pelos atores sociais que se encontram em posição ou condições desvalorizadas ou estigmatizadas pela lógica dominante; (...).
- A identidade-projeto: quando os atores sociais, com base no material cultural a sua disposição, constroem uma nova identidade que redefine sua posição na sociedade e, conseqüentemente se propõem em transformar o conjunto da estrutura social. (MUNANGA (1999, p. 3).

Percebemos que a construção social descrita por Munanga (1999) é praticamente a mesma vivenciada pelo Brasil à época de seu descobrimento. Apesar das inúmeras transformações oriundas do desenvolvimento industrial que culminou no avanço da urbanização e na modernização do país, o preconceito contra o negro, antigos escravos e seus descendentes continuou o mesmo.

Outro autor que preocupou-se em denunciar a desigualdade entre brancos e negros foi Monteiro Lobato. Sensível e observador denunciou essa herança do escravismo no conto **Negrinha**. As personagens dessa narrativa representam a população brasileira das primeiras décadas do século XX, o escritor expôs a mentalidade escravocrata que perdurou mesmo após a assinatura da Lei Aurea, pela princesa Isabel que culminou na abolição da escravatura.

## 2.2 Monteiro Lobato e A NEGRINHA

João Bento Renato Monteiro Lobato, mais conhecido como Monteiro Lobato, nasceu em Taubaté, interior de São Paulo, em 18 de abril de 1882 e é considerado um dos maiores escritores no que se refere à literatura brasileira infanto-juvenil. Monteiro Lobato foi criado e passou vários anos de sua vida em uma fazenda no interior de São Paulo, foi apresentado às letras por sua mãe Olímpia Augusta Monteiro Lobato e, em seguida, por um professor particular. Teve contato com os livros aos sete anos, pois seu avô materno, Visconde de Tremembé possuía uma biblioteca imensa em sua residência. Nesse período leu todos os livros infantis escritos em Língua Portuguesa. Sua carreira como escritor iniciou-se em seus primeiros anos de estudante com a escrita de contos para jornais estudantis.

Perdeu seu pai José Bento Marcondes Lobato no dia 13 de junho de 1898, vítima de congestão pulmonar. Sua mãe faleceu um ano depois em 22 de junho de 1899, vítima de uma depressão profunda.

Tinha como sonho a Faculdade de Belas Artes, mas para satisfazer o desejo de seu avô que o tinha como sucessor na administração de seus negócios ingressou na Faculdade do Largo São Francisco para cursar Direito. Mas nem por isso abandonou a carreira de escritor. Colaborou em diversas publicações estudantis e formou com os colegas de turma a Arcádia Acadêmica. Dois anos depois se tornou seu presidente, contribuindo com o jornal **Onze de Agosto**, escrevendo artigos sobre teatro. Desses estudos nasceu em 1903 o grupo O Cenáculo, cujos fundadores, além de Monteiro Lobato, foram: Ricardo Gonçalves, Cândido Negreiros, Godofredo Rangel, Raul de Freitas, Tito Lívio Brasil, Lino Moreira e José António Nogueira.

Diplomou-se em bacharel em Direito, em 1904 e venceu o concurso literário promovido pelo Centro Acadêmico XI de Agosto. No ano seguinte, passou a ocupar interinamente a promotoria de Taubaté. Nesse meio tempo, conheceu Maria Pureza da Natividade, a "Purezinha". Casou-se com seu amor em 28 de Março de 1908. Após um ano nasceu sua primogênita Marta.

Seu avô morreu quando o escritor tinha 29 anos. Após a morte do Visconde de Tremembé, Monteiro Lobato tornou-se herdeiro da Fazenda Buquira, para onde mudou-se com seus familiares. Mas, um fato ocorrido em 1917 definiu pra sempre a sua carreira literária: Monteiro Lobato já estava cansado de enfrentar as constantes queimadas praticadas pelos caboclos, então o escritor fazendeiro escreveu uma carta intitulada *Velha Praga* e enviou para a secção Queixas e Reclamações do Jornal O estado de São Paulo. Essa

mensagem provocou polêmica e Lobato deu início a sua obra *Urupês*, criando um de seus mais famosos personagens, o Jeca Tatu.

O aparecimento desse personagem, descrito como um grande preguiçoso gerou grande polêmica em todo o Brasil, por ser diferente dos caipiras e índios idealizados pela literatura romântica daquela época, representava o atraso e a miséria representados pelo campo do país.

Um ano depois foram doados 500 exemplares do livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*, tal fato era inédito na indústria editorial. O sucesso entre as crianças foi tão grande que Lobato escreveu continuações: *Fábulas de Narizinho* (1921), *O Saci* (1921), *O Marquês de Rabicó* (1922), *A Caçada da Onça* (1924), *O Noivado de Narizinho* (1924), *Jeca Tatuzinho* (1924) e *O Garimpeiro do Rio das Garças* (1924), entre outros.

Segundo o autor (2006), "Livro não é gênero de primeira necessidade é sobremesa: tem que ser posto embaixo do nariz do freguês, para provocar-lhe a gulodice" (LOBATO, 2006, p. 73). Além de ser autor de livros infantis e de ficção, o escritor sempre preocupou-se com o desenvolvimento da indústria editorial brasileira, atuando também como editor, sendo o primeiro neste ramo a procurar ampliar no Brasil um mercado de massa para livros, incentivando o consumo das obras editadas. Pois, nesta época, o mercado editorial estava nas mãos de editoras francesas e portuguesas que preocupavam-se em lançar livros direcionados apenas à elite.

Em abril de 1948 Lobato sofreu um primeiro espasmo vascular. Mas, não deixou-se abalar e publicou os folhetos *De Quem É o Petróleo na Bahia* e *Georgismo e Comunismo* na revista *Fundamentos* de quem era afiliado.

O escritor faleceu em 4 de julho de 1948 às 4 horas da manhã, vítima de seu segundo espasmo, porém dessa vez cerebral, aos 66 anos de idade. Seu corpo foi velado na Biblioteca Municipal de São Paulo e o sepultamento realizado no Cemitério da Consolação, sob forte comoção nacional.

Em homenagem a Monteiro Lobato, autor de várias obras destinadas a literatura infanto-juvenil, no ano de 2002 foi promulgada a Lei nº 10.402/02 que instituiu o dia de seu nascimento como a data oficial da literatura infanto-juvenil. Ou seja, o dia 18 de abril foi designado como o dia Nacional da Literatura Infantil.

Monteiro Lobato sempre criticou a arte vinda de fora, como por exemplo, as Vanguardas Europeias: cubismo, futurismo, dadaísmo, surrealismo, e em 20 de dezembro publicou uma crítica desfavorável à exposição de pintura de Anita Malfatti, denominada *Paranoia ou Mistificação* que culminou na criação da *Semana de Arte Moderna* de 1922.

As grandes obras de Lobato fazem referência à vida interiorana e assim surgiram seus personagens, como Jeca Tatu e a Turma do Sítio do Pica-pau Amarelo, considerada a maior obra da literatura infanto-juvenil. Seu livro foi transformado em obra televisiva nos anos oitenta, sendo regravado nos anos noventa e também reprisado constantemente.

Dentre seus principais personagens estão: Emília, a boneca falante; Tia Nastácia, cozinheira; Pedrinho e Narizinho, netos de D. Benta; Visconde de Sabugosa, o boneco feito de sabugo de milho; Tio Barnabé, o caseiro do sítio que contava vários “causos” às crianças; Rabicó, o porquinho cor de rosa; dentre vários outros que foram surgindo através das diferentes histórias. Inclusive personagens da Literatura Grega e das lendas brasileiras, citam-se a Cuca e o Saci-Pererê.

Lobato sempre preocupou-se em caracterizar suas personagens com características reais. As personagens Pedrinho e Narizinho, por exemplo, se parecem com as crianças para as quais escrevia seus livros. São crianças normais, possuidoras de fantasias e apaixonadas pelas histórias que envolvem o mundo da fantasia e dos mistérios, onde aparecem além das personagens criadas pelo escritor os mitos e lendas brasileiros desencantados pelos leitores. Através de suas obras, são apreendidos conhecimentos da língua e cultura, como também problemas do cotidiano, como é o caso do preconceito racial e social. Também nos apresenta uma avó carinhosa e preocupada com a criação de seus netos. Para Lobato (1969), D. Benta, a personagem do Sítio do Pica-Pau Amarelo preocupava-se com o aprendizado livre das crianças, ou seja, para ela as crianças precisavam de liberdade para estimular seu aprendizado:

Porque para o homem o clima certo é um só: o da liberdade. Só nesse clima o homem se sente feliz e prospera harmoniosamente. Quando muda o clima e a liberdade desaparece, vêm a tristeza, a aflição, o desespero e a decadência. O melhor exemplo disso temos lá em casa. Como dou a vocês máxima liberdade, todos vivem no maior contentamento a inventar e realizar tremendas aventuras. Mas se eu fosse uma avó má, das que amarram os netos com os cordéis do “não pode” – não pode isso, não pode aquilo, sem dar as razões do não pode – vocês viveriam tristes e amarelos, ou jururus, que é como ficam as criaturas sem liberdade de movimentos e sem o direito de dizer o que sentem e pensam. (LOBATO, 1969, p. 21).

Monteiro Lobato, ao lançar em 1934 o livro *Emília no País da Gramática*, deu um novo sentido ao ensino da gramática, pois abordou assuntos como adjetivos, substantivos, sílabas, pronomes, verbos e vários outros. Mostrando ao público infantil uma maneira divertida de aprender. Com esse mesmo objetivo em 1935 criou a obra *Aritmética da Emília* com brincadeiras ocorridas em um pomar.

O autor ficou conhecido pelo acervo de suas obras que constitui um conjunto educativo e divertido, que é aproximadamente a metade de toda a sua produção literária.

Dentre suas obras está o único romance intitulado *O Presidente Negro* que não obteve a mesma popularidade, mas transformou-se em um divisor de águas na literatura brasileira. Pelo conjunto de suas obras, tornou-se um dos mais influentes escritores do século XX.

### CAPÍTULO III – O CONTO *NEGRINHA*

Monteiro Lobato teve grande preocupação em discutir a questão social em suas obras, tais discussões eram representadas pela diferença racial entre brancos e negros e para isso usou a relação entre literatura e sociedade para expor esse assunto que sempre se fez presente na história do Brasil.

Lobato sempre foi defensor das ideias eugenistas. Em uma de suas obras, intitulada *O Choque*, o autor explicita tais ideias ao destacar a inteligência dos brancos em detrimento do conhecimento que negros os negros possuem.

Para Vasconcellos (1982),

Similares má-criações têm servido de munição para leituras que tomam o xingamento como manifestação explícita do racismo de Lobato, questão incômoda, de que os estudiosos do escritor têm de dar conta:(...) é fora de dúvida que Lobato subscreve preconceitos etnocêntricos e mesmo racistas (...). (Vasconcelos, 1982, p.139).

Apesar de defender as ideias eugenistas, o conto *Negrinha* destaca posições ambíguas de Lobato, pois o escritor denuncia as crueldades sofridas pela personagem principal que são herdadas do escravismo.

A pequena órfã sofria os piores castigos impostos por sua “dona”, a Sr<sup>a</sup> Inácia. Tais punições eram realizadas de duas maneiras: o castigo físico, representado por cocres, puxões de orelha etc.; e o castigo psicológico concretizado através de humilhações e apelidos “carinhosos”, como por exemplo, peste, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca-morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo etc.

Negrinha sequer teve direito a ter uma nomenclatura. Sempre pelos cantos, era humilhada por todos os habitantes da casa, inclusive pelos frequentadores, amigos de D. Inácia. A menina servia de diversão para a dona da casa que, independente de estar alegre ou aborrecida, deferia contra a pequena tapas e pontapés.

#### 3.1. Resumo do conto *Negrinha*

O conto *Negrinha* tem como cenário a fazenda de uma velha senhora, chamada D. Inácia que cria uma menina que ficou órfã aos quatro anos de idade, essa garotinha é

conhecida como Negrinha. No texto, Dona Inácia é descrita como: ótima, excelente senhora, virtuosa, dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral etc.

A história tem início com Negrinha aos sete anos de idade. Filha de uma escrava da fazenda, recebeu esse apelido por suas características físicas: Preta, fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados. No decorrer da narrativa, em nenhum momento aparece o nome próprio de Negrinha, isso comprova que a personagem não possui uma identidade social ou individual.

Negrinha nunca ouvira sequer uma palavra de carinho, perdera as contas dos apelidos com que a mimoseavam: bruxa, peste, diabo etc. Seu corpo era marcado por tantas surras e pontapés. Todos os dias apanhava com ou sem motivos. Sempre pelos cantos, o autor a descreve como “gato sem dono”. Desempenha um papel duplamente passivo: é filha de criada negra e sequer possui uma identidade digna, tornando-se desta maneira ainda mais insignificante.

O preconceito social é gritante nesta narrativa, pois Negrinha não tem um nome e sim apelido; não tem uma mãe, tem uma dona que a trata como um animal, apesar de saber andar não tem consentimento para tal ato; não tem lugar em nenhum cômodo da casa e nem mesmo na sociedade.

A menina não tinha permissão para brincar, pois não era reconhecida como criança, mas teve sua vida transformada ao conhecer duas sobrinhas de Dona Inácia. Com a chegada das meninas, Negrinha percebeu que não era pecado brincar, mas descobriu da pior forma o seu lugar na sociedade, era diferente das duas crianças por conta de sua cor. Enquanto as duas eram brancas como anjos, ela era uma coisa qualquer que deveria ficar encolhida em seu canto na cozinha.

Negrinha chorou copiosamente, dessa vez as lágrimas não eram de dor física, mas de angústia moral, um sofrimento novo acrescido aos já conhecidos. Em seu canto solitário, a menina refletiu como seria bom brincar. Ao deparar-se com a mala de brinquedos, a pequena, de olhos arregalados não se continha de tanta curiosidade. Admirou-se com a boneca, que ela descrevia como uma criancinha de cabelos amarelos, uma criança artificial.

Negrinha despertou a curiosidade das garotas, quando estas perceberam que a menina não sabia o que era uma boneca. Mesmo sendo ricas, as crianças não conheciam o significado da palavra preconceito e as três crianças brincaram sem se darem conta de suas posições sociais. Tal acontecimento fez com que D. Inácia se apiedasse da pequena criada que, pela primeira vez teve permissão para brincar e sorriu de gratidão.

A pequena criada encontrou na companhia da boneca a experiência que transformou sua vida, pois descobriu que tinha uma alma e que, de certa forma era um ser humano e não uma coisa qualquer, mas mesmo sabendo disso se sentia uma coisa e essa consciência a matou.

Findada as férias e com a partida das duas meninas, a rotina da casa voltou ao normal, apenas Negrinha não era a mesma, caíra numa tristeza profunda e perdera a expressão de susto que trazia nos olhos. Morreu em seu cantinho sóbrio, sob a esteira rota que lhe servia de cama.

### 3.2. Análise do preconceito racial na personagem:

#### 3.2.1 Análise do comportamento de quem humilhava a personagem Negrinha

A pobre menina vivia na casa da Senhora dona Inácia, ícone em bondade, de acordo com o reverendo: “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”.

Dona Inácia era gorda, rica, dona do mundo, por ser mimada pelos padres, já possuía um lugar de luxo reservado no céu. Suas banhas viviam entaladas no trono na sala de jantar. Neste local da casa, bordava, recebia as amigas e o vigário.

Apesar de ser considerada ótima, a senhora não suportava choro de criança. Isso a irritava demasiadamente. Por ser viúva e não ter tido filhos, não suportava o choro de carne alheia. Assim sendo, quando ouvia o choro de Negrinha, gritava nervosa:

“— *Quem é a peste que está chorando aí?*” (, P. 19).

Até a própria mãe da pobre menina a maltratava. Pois, temendo ser repreendida pela patroa, submergia a boquinha da filha “criminosa” e afastava-se com ela para a parte mais profunda do quintal, no percurso torcia-lhe beliscões de desespero.

“— *Cale a boca, diabo!*” (P.20).

Para que Negrinha não vivesse andando pelo jardim para não estragar as plantas, Dona Inácia a obrigava a ficar em um canto da sala.

“— *Sentadinha aí, e bico, hein?*

*Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas.*

— *Braços cruzados, já, diabo!*”(P.20).

Negrinha apanhava dos moradores da casa todos os dias. Não precisavam de motivo para castigá-la. Sua pobre carne atraía cascudos, cocres e beliscões. Para que isso acontecesse, bastava as mãos dos moradores comicharem um cocre que já era descarregado em sua cabeça. Estes se divertiam com as caretas de dor que a menina demonstrava.

Mas, de todas as pessoas que lhe maltratavam, dona Inácia era a mestra. Na época da escravidão era senhora de escravos e não se conformava com a Lei Aurea. Conservava a menina em casa para desferrar a gana da alma que o 13 de maio quis lhe arrancar. Negrinha era uma espécie remédio para os frenesis da senhora.

“— *Ai! Como alivia a gente uma boa roda de cocres bem fincados!...*” (P.21).

Dona Inácia não suportava ter que contentar-se com judiação miúda, como cocres; puxões de orelha torcido daqueles de desapegar a concha e o das duas mãos, o sacudido;

todos os tipos de beliscões: o miudinho com a ponta da unha, a torcida do umbigo tão dolorida quanto o puxão de orelha; a roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões; a vara de marmelo flexível e cortante: *“para “doer fino” nada melhor!”* ( P.21).

Para a santa senhora todos esses castigos eram poucos, mas melhor que nada. De vez em quando vinha um castigo maior, como por exemplo, a história do ovo. Tudo aconteceu porque uma criada furtou do prato de Negrinha um pedacinho de carne, e a menina lhe proferiu um dos apelidos que lhe chamavam todos os dias.

— *“Peste?” Espere aí! Você vai ver quem é peste — e foi contar o caso à patroa.*

*Dona Inácia estava azeda, necessitadíssima de derivativos. Sua cara iluminou-se.*

— *Eu curo ela! — disse, e desentalando do trono as banhas foi para a cozinha, qual perua choca, a rufar as saias.*

— *“Traga um ovo.”* (P.22).

Dona Inácia colocou água para ferver e ficou de mãos na cintura aguardando e sentindo o gozo pela tortura iminente. Seus olhos faiscavam de alegria ao ver o desespero da pobre criança. Quando ovo estava bastante quente, a boa senhora a chamou:

*“— Venha cá!*

*[...]*

*— Abra a boca!*

*[...]*

*— Diga nomes feios aos mais velhos outra vez, ouviu peste?*

*“[...]”.* (P.22).

Após esse episódio, dona Inácia voltou contente para seu trono, onde recebeu o santo vigário.

Durante toda a vida, Negrinha sofreu a desigualdade social que sempre lhe chicoteou a alma. *“Beliscão no umbigo, e nos ouvidos, o som cruel de todos os dias: “Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga”?”* ( P.23).

Dona Inácia apiedou-se de Negrinha apenas uma vez, pois ao receber a visita de suas sobrinhas, retirou-se da sala para arrumar as acomodações das hospedes. Ao retornar para o

cômodo, deparou-se com a cena de alegria das crianças admiradas com a inocência da menina ao conhecer uma boneca.

*“Mas era tal a alegria das hóspedes ante a surpresa extática de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração afinal bambeou. E pela primeira vez na vida foi mulher. Apiedou-se.*

[...]

*Dona Inácia, pensativa, já a não atezanava tanto, e na cozinha uma criada nova, boa de coração, amenizava-lhe a vida.” ( P.25).*

### 3.2.2 As Reações De Negrinha Às Humilhações Sofridas

Negrinha ficou órfã aos quatro anos de idade e por ser filha de uma escrava de dona Inácia, após a morte da mãe permaneceu residindo na casa dessa boa senhora. Sendo maltratada por todos os moradores da casa, a menina de pele escura e olhos assustados vivia pelos cantos escuros da cozinha, dormindo em uma velha esteira e embrulhando-se com trapos imundos. Ficava sempre ocultada, pois a patroa não suportava crianças.

Negrinha cresceu atrofiada com os olhos eternamente espantados. Vivia pela casa como gato sem dono, sempre aos pontapés. Não conseguia entender o porquê batiam-lhe sempre, fosse por ação ou omissão. As coisas praticadas pela menina, ora provocava risadas, ora castigos. Apesar de ter aprendido a andar, quase não andava. A senhora abancou-a na sala em um desvão da porta com o pretexto de que não destruísse as plantas do quintal.

— Braços cruzados, já, diabo!

*Cruzava os bracinhos a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo corria. E o relógio batia uma, duas, três, quatro, cinco horas — um cuco tão engraçadinho! Era seu divertimento vê-lo abrir a janela e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as asas. Sorria-se então por dentro, feliz um instante.*

A menina não tinha nenhum conceito sobre a palavra carinho, pois sempre recebia apelidos que divertiam os moradores da casa. Uma das alcunhas recebida foi bubônica, pois a epidemia era a grande novidade e Negrinha achou linda a palavra. Ao perceberem esse fato, logo a aboliram da lista, porquanto não poderia ter nenhuma felicidade na vida.

No episódio do ovo, Negrinha foi solicitada a abrir a boca. Com uma colher, dona Inácia tirou o ovo e enfiou na boca da menina. A pequena não teve tempo nem de gritar, pois: *“antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse.*

*Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo”. ( P.22).*

Em outro episódio, na chegada das sobrinhas à casa da senhora, mais uma vez a menina foi humilhada ao tentar aproximar-se das outras crianças, como sempre Negrinha foi obrigada a isolar-se em seu canto.

*“Com lágrimas dolorosas, menos de dor física que de angústia moral - sofrimento novo que se vinha acrescer aos já conhecidos — a triste criança encorujou-se no cantinho de sempre.*

*[...]*

*—Brincar! Como seria bom brincar! — refletiu com suas lágrimas, no canto, a dolorosa martirzinha, que até ali só brincara em imaginação com o cuco”. ( P.23).*

A menina ficou admirada com tantos brinquedos pertencentes aos dois anjos loiros de olhos azuis (era assim que Negrinha referia-se às sobrinhas da patroa), mas o que mais lhe chamou a atenção foi a criança artificial que falava “mamãe”.

*“Era de êxtase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial.*

*— É feita?... — perguntou, extasiada”. ( P.23).*

Admirada com o brinquedo, Negrinha esqueceu os beliscões, o ovo quente e em uma saída da patroa da sala, a pequena aproximou-se do boneca, olhando-a assombrada e encantada, sem jeito para pegá-la.

*“As meninas admiraram-se daquilo.*

*— Nunca viu boneca?*

*— Boneca? — repetiu Negrinha. — Chama-se Boneca?”(P.23 e 24).*

Ao ser solicitada a pegar a boneca: *“ Negrinha olhou para os lados, ressabiada, com o coração aos pinotes. [...] Depois pegou a boneca. E muito sem jeito, [...], sorria para ela e para as meninas, com assustados relanços de olhos para a porta. Fora de si, literalmente... [...]. Tamanho foi o seu enlevo que não viu chegar a patroa, já de volta”. (P.24).*

Quando percebeu a presença da senhora, Negrinha tremeu e relembrou os castigos recebidos até então e lhe assombrou a ideia destes ainda serem piores. *“E incoercíveis lágrimas de pavor assomaram-lhe aos olhos”. (P.24).*

Mas, pela primeira vez recebeu uma palavra de carinho ao ter a autorização da patroa para brincar no jardim em companhia das outras crianças.

*“Negrinha, coisa humana percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como*

*fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa — e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava!” (P.25).*

Após as férias as meninas partiram levando a boneca e tudo voltou ao normal, com exceção de Negrinha. A pequena sentia-se outra, completamente modificada.

*“Negrinha, não obstante, caíra numa tristeza infinita. Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostálgicos, cismarentos.” (P.25).*

[...]

*“Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Jamais, entretanto, ninguém morreu com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farândola do céu. Sentia-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça — abraçada, rodopiada”. (P.25).*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho oportunizou uma leitura do conto “Negrinha” de Monteiro Lobato como proposta de ressaltar uma visão do preconceito social que perdura presente na referida obra e também ser uma temática que perdura na contemporaneidade.

Na análise do conto *Negrinha* foi apresentada a caracterização da personagem criada por Monteiro Lobato no que diz respeito à sua condição social, bem como a avaliação do comportamento de Negrinha, personagem principal que faz parte do enredo da história.

Na análise do conto, foram evidenciados os comportamentos tanto das personagens que maltratavam *Negrinha* quanto desta, que não reagia às agressões e aos mal-tratos que lhes atribuíam.

Face a isso, entendemos que, apesar de já terem se passando muito tempo do fim da escravidão, ainda assim o preconceito é latente, principalmente no que tange à cor da pele.

No que tange ao preconceito, temos inúmeros estudiosos que o discutem, perante isso, utilizou uma das possíveis visões acerca desse assunto, a saber, o teórico Kabengele Munanga, que lança seu olhar em relação ao negro enquanto reflexo de uma sociedade pautada pelo preconceito, principalmente por essa classe considerada por muitos, inferiorizada, a minoria, assim como, as mulheres e os orientais etc. Munanga também referencia outros povos que saíram de sua terra natal e migraram para lugares bem diferentes, como é o caso dos árabes, judeus e orientais. Talvez por terem a pele clara, não sofreram tanto preconceito e discriminação como os negros africanos.

Discutir o preconceito social, em especial o racismo utilizando a literatura, torna a prática docente mais sedutora para os alunos, principalmente utilizando personagens das obras do escritor Monteiro Lobato que, de certa forma já são conhecidos pelos discentes, como por exemplo, as personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo: Narizinho, Pedrinho, a boneca de pano Emília e o Visconde de Sabugosa, entre outros.

Esse tema é bastante relevante no que tange aos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (Pluralidade Cultural) que nos informa a grande preocupação demonstrada pela política oficial brasileira que, a partir da década de 30 buscou verificar através de documentos das autoridades educacionais a origem dos filhos dos imigrantes, aludindo sobre a marginalização do negro e a aculturação do índio brasileiro (PCN, 1997).

Assim, de um modo geral, percebemos que o preconceito social ainda não se faz presente no planejamento das escolas. Porém, sabemos que o preconceito social se faz presente nas instituições escolares, na sociedade etc. Desse modo, elaboramos uma sequência

didática para ser aplicada na disciplina Língua Portuguesa, que auxiliará o professor em sua *práxis* educativa. A sequência didática, segundo Dolz e Schneuwly (1998, p. 93), “[...] é um conjunto de módulos escolares organizadas sistematicamente em torno de uma atividade de linguagem dentro de um projeto de classe [...]”.

Por fim, cabe frisar que, que a leitura do conto **A Negrinha** proporciona um novo olhar em relação à temática do preconceito racial. Importa dizer que, mesmo na contemporaneidade, nos deparamos com comportamentos, posturas, visões deturpadas no que tange ao preconceito que foi (e é) muito discutido e divide opiniões no curso do tempo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. **A Literatura Brasileira: vol. V - O Pré-Modernismo**, 4ª ed., São Paulo: Cultrix, 1973.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural, orientação sexual**. Vol. 10. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. “Seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento”. In: ROXO, R.; CORDEIRO, G. S. Campinas, Mercado de Letras, 2004, pp. 95-128.

LAJOLO. Marisa. **Do mundo da Leitura para a Leitura do mundo**. São Paulo: Editora Ática, 2004

MORICONI, Ítalo. **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: editora Objetiva, 2000.

LOBATO, Monteiro, 1882-1948. **Negrinha/ Monteiro Lobato**. – 2 ed.-São Paulo: Globo, 2009.

VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho de. **O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato**. São Paulo: Traço Editora. 1982.

MUNANGA, Kabengele. **Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania**. Palestra proferida no 1º Seminário de Formação Teórico Metodológica – SP. Departamento de Antropologia – USP (2012). E-mail: concursonegroeducacao@acaoeducativa.org. Acesso em: 18/08/2013, às 17h45min.

### Sites visitados:

Disponível em: [www.brasilecola.com/datacomemorativas/dia-nacional-livro-infantil.htm](http://www.brasilecola.com/datacomemorativas/dia-nacional-livro-infantil.htm). Acesso em: 05/08/2013, às 17h56min.

Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/3373962/Literatura-Aula-19-PreModernismo-Brasil>. Acesso em: 06/11/13, às 17h14min.

Disponível em: <http://www.brasilecola.com/literatura/premodernismo.htm>. Acesso em: 06/11/13, às 17h00min.

Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/19993/atividade-de-leitura#ixzz2jte9P4EQ>. Acesso em: 06/11/13, às 16h45min.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A9-modernismo>. Acesso em: 06/11/13, às 16h48min. Entrevista: Nelson Rodrigues dos Santos. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tes/v6n3/15.pdf>. Acesso em:

**APÊNDICE:****SEQUÊNCIA DIDÁTICA****GÊNERO TEXTUAL:** Conto “Negrinha” (Monteiro Lobato)

Leitura – Conto Negrinha.

Oral – Debate coletivo e Seminários

Escrita – Produção de Textos, Resumos e pesquisas.

**PÚBLICO ALVO:** 9º ANO/ 9 Ensino Fundamental**DURAÇÃO**

15 h/a

**OBJETIVOS**

- Analisar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o gênero, realizando o trabalho de leitura e escrita sobre o texto proposto;
- Ampliar o gosto pela leitura, fazendo uso de obras do autor Monteiro Lobato e em seguida, relacionar essas histórias debatendo o assunto preconceito social, respeitando o espaço e tempo de cada um.
- Coletar e interpretar dados de diferentes fontes de informações (exemplo: livros, artigos, resenhas etc.);
- Reconhecer a importância dos movimentos sociais promovidos pela sociedade, no que diz respeito a igualdade de direitos;
- Valorizar atitudes de respeito à diversidade étnica e cultural;
- Analisar as características das personagens do conto *Negrinha*, criando relações intertextuais entre o texto de Monteiro Lobato e outros que correspondem ao preconceito social;
- Estimular o respeito à dignidade das pessoas considerando suas diferenças étnicas e culturais, respeitando as diversas etnias existentes no Brasil e no mundo.

## ATIVIDADES

- Leitura do conto Negrinha.
- Organizar os alunos em equipe, realizar uma leitura coletiva a fim de aprofundar o assunto preconceito social e fazer uma conexão do passado com os dias de hoje. Após isso, buscar a participação dos alunos expondo sua visão a respeito da leitura.
- Debate sobre o conto, formar grupos para discussão, recontar a história de acordo com o contexto apresentado. Apresentar fatos da atualidade sobre o preconceito étnico e como este se faz presente.
- Orientar para a produção de uma história que trate sobre o preconceito social, enfocando a discriminação do negro na sociedade. Solicitar que a narrativa produzida pelos alunos seja compartilhada com os colegas de outras turmas.
- Produção escrita individual (resumo) do conto Negrinha. Nessa etapa, os alunos após a leitura do conto, farão uma atividade de produção textual do conto aqui em foco. Após a produção escrita, o professor fará a revisão da produção de textos de maneira gradual, apontando as devidas correções, e verificando o senso crítico do aluno, no que tange os pontos referentes ao preconceito social.

## MATERIAIS

Cópia do conto “Negrinha”, caderno, quadro magnético, pincel, apagador, data show, notebook, pen-drive, cópias de artigos e resenhas que enfocam o preconceito social, impressora, papel A-4.

## ORGANIZAÇÃO

A aula iniciará com a apresentação do conto **Negrinha** de Monteiro Lobato, em seguida será perpetrado o seguinte questionamento:

- O que vocês entendem a respeito do Conto: Negrinha e a relação com o preconceito social?

De acordo com a resposta dos alunos, o docente poderá interferir dando ênfase ao questionamento, fazendo as seguintes indagações:

- Vocês já se depararam com situações em que o preconceito social foi latente?
- Quem de vocês já foi vítima do preconceito social?
- O que vocês fariam se deparassem-se com situações envolvendo o preconceito social?

À medida que os alunos responderem aos questionamentos, o professor deverá fazer anotações, pois posteriormente tais informações serão utilizadas na elaboração do debate.

**A metodologia a ser utilizada no debate será a seguinte:**

Os alunos serão organizados em grupos e receberão diferentes textos com a mesma temática (preconceito social). Em seguida, será solicitada que os educandos localizem as informações que possivelmente lhes serão solicitadas no decorrer das atividades.

Os discentes deverão identificar o foco narrativo, as personagens (protagonista/antagonista), o enredo e o tipo de narrador presente na narrativa.

Após o debate, será abordada uma discussão sobre as principais características da narrativa. Em seguida, cada grupo fará a socialização das características da narrativa.

## **AValiação**

Avaliar as produções dos alunos, levar em consideração não apenas o texto produzido, como também outras etapas do processo em que o envolvimento do educando possa ser verificado (exemplo: participação nas rodas de conversa, intervenções positivas nas aulas e discussões, posicionamento crítico durante as discussões, apresentação de debate, processo de envolvimento com o tema e outros).

**ANEXOS:****O conto NEGRINHA de Monteiro Lobato:**

“Erro pensar que é a ciência que mata uma religião. Só pode com ela outra religião.”

"Eu me acho capaz de escrever para os Estados Unidos por causa do meu pendor para escrever para crianças. Acho o americano sadiamente infantil."

"Tudo é loucura ou sonho no começo. Nada do que o homem fez no mundo teve início de outra maneira — mas já tantos sonhos se realizaram que não temos o direito de duvidar de nenhum."

“Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma — “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo”.

(Fonte: Conto Negrinha)

"Quem morre pelo seu país vive eternamente."

"No Brasil subtrai-se; somar, ninguém soma."

"O livro é uma mercadoria como outra qualquer; não há diferença entre o livro e um artigo de alimentação. (...) Se o livro não vende é porque ele não presta".

Em entrevista à Rádio Record, em Julho de 1948, reproduzida no jornal O Estado de São Paulo em Julho de 1978.

"Tudo vem dos sonhos. Primeiro sonhamos, depois fazemos."

## ANEXOS: O CONTO NEGRINHA DE MONTEIRO LOBATO

### Negrinha

Monteiro Lobato

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma — “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo.

Ótima, a dona Inácia.

Mas não admitia choro de criança. Ai! Puna-lhe os nervos em carne viva. Viúva sem filhos, não a calejara o choro da carne de sua carne, e por isso não suportava o choro da carne alheia. Assim, mal vagia, longe, na cozinha, a triste criança, gritava logo nervosa:

— Quem é a peste que está chorando aí?

Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? O forno? A mãe da criminosa abafava a boquinha da filha e afastava-se com ela para os fundos do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões de desespero.

— Cale a boca, diabo!

No entanto, aquele choro nunca vinha sem razão. Fome quase sempre, ou frio, desses que entanguem pés e mãos e fazem-nos doer...

Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Órfã aos quatro anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a ideia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas quase não andava. Com pretextos de que às soltas reinaria no

quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta.

— Sentadinha aí, e bico, hein?

Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas.

— Braços cruzados, já, diabo!

Cruzava os bracinhos a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo corria. E o relógio batia uma, duas, três, quatro, cinco horas — um cuco tão engraçadinho! Era seu divertimento vê-lo abrir a janela e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as asas. Sorria-se então por dentro, feliz um instante.

Puseram-na depois a fazer crochê, e as horas se lhe iam a espichar trancinhas sem fim.

Que ideia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca-morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo — não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi a bubônica. A epidemia andava na berra, como a grande novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim — por sinal que achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista. Estava escrito que não teria um gostinho só na vida — nem esse de personalizar a peste...

O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o ímã exerce para o aço. Mãos em cujos nós de dedos comichasse um cocre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça. De passagem. Coisa de rir e ver a careta...

A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos — e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo — essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia! “Qualquer coisinha”: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho porque disse: “Como é ruim, a sinhá!”...

O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava Negrinha em casa como remédio para os frenesis. Inocente derivativo:

— Ai! Como alivia a gente uma boa roda de cocres bem fincados!...

Tinha de contentar-se com isso, judiaria miúda, os níqueis da crueldade. Cocres: mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no coco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha (bom! bom! bom! gostoso de dar) e o a duas mãos, o sacudido. A gama inteira dos beliscões: do miudinho, com a ponta da unha, à torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões a uma — divertidíssimo! A vara de marmelo, flexível, cortante: para “doer fino” nada melhor!

Era pouco, mas antes disso do que nada. Lá de quando em quando vinha um castigo maior para desobstruir o fígado e matar as saudades do bom tempo. Foi assim com aquela história do ovo quente.

Não sabem! Ora! Uma criada nova furtara do prato de Negrinha — coisa de rir — um pedacinho de carne que ela vinha guardando para o fim. A criança não sofreu a revolta — atirou-lhe um dos nomes com que a mimoseavam todos os dias.

— “Peste?” Espere aí! Você vai ver quem é peste — e foi contar o caso à patroa.

Dona Inácia estava azeda, necessitadíssima de derivativos. Sua cara iluminou-se.

— Eu curo ela! — disse, e desentalando do trono as banhas foi para a cozinha, qual perua choca, a rufar as saias.

— Traga um ovo.

Veio o ovo. Dona Inácia mesmo pô-lo na água a ferver; e de mãos à cinta, gozando-se na prelibação da tortura, ficou de pé uns minutos, à espera. Seus olhos contentes envolviam a mísera criança que, encolhidinha a um canto, aguardava trêmula alguma coisa de nunca visto. Quando o ovo chegou a ponto, a boa senhora chamou:

— Venha cá!

Negrinha aproximou-se.

— Abra a boca!

Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, com uma colher, tirou da água “pulando” o ovo e zás! na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. Depois:

— Diga nomes feios aos mais velhos outra vez, ouviu, peste?

E a virtuosa dama voltou contente da vida para o trono, a fim de receber o vigário que chegava.

— Ah, monsenhor! Não se pode ser boa nesta vida... Estou criando aquela pobre órfã, filha da Cesária — mas que trabalhadeira me dá!

— A caridade é a mais bela das virtudes cristas, minha senhora —murmurou o padre.

— Sim, mas cansa...

— Quem dá aos pobres empresta a Deus.

A boa senhora suspirou resignadamente.

— Inda é o que vale...

Certo dezembro vieram passar as férias com Santa Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas.

Do seu canto na sala do trono, Negrinha viu-as irromperem pela casa como dois anjos do céu — alegres, pulando e rindo com a vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou imediatamente para a senhora, certa de vê-la armada para desferir contra os anjos invasores o raio dum castigo tremendo.

Mas abriu a boca: a sinhá ria-se também... Quê? Pois não era crime brincar? Estaria tudo mudado — e findo o seu inferno — e aberto o céu? No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos.

Mas a dura lição da desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos, o som cruel de todos os dias: “Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga”?

Com lágrimas dolorosas, menos de dor física que de angústia moral —sofrimento novo que se vinha crescer aos já conhecidos — a triste criança encorujou-se no cantinho de sempre.

— Quem é, titia? — perguntou uma das meninas, curiosa.

— Quem há de ser? — disse a tia, num suspiro de vítima. — Uma caridade minha. Não me corrijo, vivo criando essas pobres de Deus... Uma órfã. Mas brinquem, filhinhas, a casa é grande, brinquem por aí afora.

— Brinquem! Brincar! Como seria bom brincar! — refletiu com suas lágrimas, no canto, a dolorosa martirzinha, que até ali só brincara em imaginação com o cuco.

Chegaram as malas e logo:

— Meus brinquedos! — reclamaram as duas meninas.

Uma criada abriu-as e tirou os brinquedos.

Que maravilha! Um cavalo de pau!... Negrinha arregalava os olhos. Nunca imaginara coisa assim tão galante. Um cavalinho! E mais... Que é aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos... que falava “mamã”... que dormia...

Era de êxtase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial.

— É feita?... — perguntou, extasiada.

E dominada pelo enlevo, num momento em que a senhora saiu da sala a providenciar sobre a arrumação das meninas, Negrinha esqueceu o beliscão, o ovo quente, tudo, e aproximou-se da criatura de louça. Olhou-a com assombrado encanto, sem jeito, sem ânimo de pegá-la.

As meninas admiraram-se daquilo.

— Nunca viu boneca?

— Boneca? — repetiu Negrinha. — Chama-se Boneca?

Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade.

— Como é boba! — disseram. — E você como se chama?

— Negrinha.

As meninas novamente torceram-se de riso; mas vendo que o êxtase da bobinha perdurava, disseram, apresentando-lhe a boneca:

— Pegue!

Negrinha olhou para os lados, resabiada, como coração aos pinotes. Que ventura, santo Deus! Seria possível? Depois pegou a boneca. E muito sem jeito, como quem pega o Senhor menino, sorria para ela e para as meninas, com assustados relanços de olhos para a porta. Fora de si, literalmente... era como se penetrara no céu e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe tivesse vindo adormecer ao colo. Tamanho foi o seu enlevo que não viu chegar a patroa, já de volta. Dona Inácia entreparou, feroz, e esteve uns instantes assim, apreciando a cena.

Mas era tal a alegria das hóspedes ante a surpresa extática de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração afinal bambeou. E pela primeira vez na vida foi mulher. Apiedou-se.

Ao percebê-la na sala Negrinha havia tremido, passando-lhe num relance pela cabeça a imagem do ovo quente e hipóteses de castigos ainda piores. E incoercíveis lágrimas de pavor assomaram-lhe aos olhos.

Falhou tudo isso, porém. O que sobreveio foi a coisa mais inesperada do mundo — estas palavras, as primeiras que ela ouviu, doces, na vida:

— Vão todas brincar no jardim, e vá você também, mas veja lá, hein?

Negrinha ergueu os olhos para a patroa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu mais a fera antiga. Compreendeu vagamente e sorriu.

Se alguma vez a gratidão sorriu na vida, foi naquela surrada carinha...

Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma — na princesinha e na mendiga. E para ambos é a boneca o supremo enlevo. Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca — preparatório —, e o momento dos filhos — definitivo. Depois disso, está extinta a mulher.

Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa — e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava!

Assim foi — e essa consciência a matou.

Terminadas as férias, partiram as meninas levando consigo a boneca, e a casa voltou ao ramerrão habitual. Só não voltou a si Negrinha. Sentia-se outra, inteiramente transformada.

Dona Inácia, pensativa, já a não atazanava tanto, e na cozinha uma criada nova, boa de coração, amenizava-lhe a vida.

Negrinha, não obstante, caíra numa tristeza infinita. Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostálgicos, cismarentos.

Aquele dezembro de férias, luminosa rajada de céu trevas adentro do seu doloroso inferno, envenenara-a.

Brincara ao sol, no jardim. Brincara!... Acalentara, dias seguidos, a linda boneca loura, tão boa, tão quieta, a dizer mamã, a cerrar os olhos para dormir. Vivera realizando sonhos da imaginação. Desabrochara-se de alma.

Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Jamais, entretanto, ninguém morreu com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farândola do céu. Sentia-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça — abraçada, rodopiada.

Veio a tontura; uma névoa envolveu tudo. E tudo regirou em seguida, confusamente, num disco. Ressoaram vozes apagadas, longe, e pela última vez o cuco lhe apareceu de boca aberta.

Mas, imóvel, sem rufar as asas.

Foi-se apagando. O vermelho da goela desmaiou...

E tudo se esvaiu em trevas.

Depois, vala comum. A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira — uma miséria, trinta quilos mal pesados...

E de Negrinha ficaram no mundo apenas duas impressões. Uma cômica, na memória das meninas ricas.

— “Lembras-te daquela bobinha da titia, que nunca vira boneca?”

Outra de saudade, no nó dos dedos de dona Inácia.

— “Como era boa para um cocre!...”